

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

151

INSCRIÇÕES 607-608



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIÇÕES DO (DESAPARECIDO) ARCO DE SÃO
ROQUE, ALVITO
(*Conventus Pacensis*)

O epitáfio tumular de *Taumastus* foi um dos primeiros textos paleocristãos a ser dado a conhecer no actual território português, analisado e publicado pelos estudiosos da epigrafia portuguesa¹.

A inscrição foi publicada nas *Memórias Paroquiais* de Alvito, em 1758, pelo Reitor Frei Ambrósio Brochado² e registada por Frei Manuel do Cenáculo, em finais do século XVIII ou inícios do século XIX.

Quase todas as publicações que se seguiram se apoiaram na descrição feita pelo arcebispo de Évora, acrescentando-lhe a referência à decoração, que não constava no texto assinado pelo prelado, mas que havia sido representada nas *Memórias Paroquiais*.

Dos vários investigadores que deram atenção a este texto destacam-se, entre outros: Hübner³, P. A. Azevedo⁴, Miguel

¹ No tombo que doravante iremos analisar é-nos informado que foi André de Resende o primeiro a ver esta inscrição, dela dando conhecimento. Contudo, não lográmos identificar a obra em que a terá publicado.

² ANTT, *Memórias Paroquiais*, Vol. 3, nº 9, p. 365 a 370.

³ HÜBNER (Emílio), *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Berlim, 1871.

⁴ AZEVEDO (P. A.), “Extractos Archeologicos das Memórias Paroquiais de

de Oliveira⁵, Vives⁶, Túlio Espanca⁷, Mário Jorge Barroca⁸ e Maria Manuela Alves Dias e Catarina Isabel Sousa Gaspar⁹.

As diferenças registadas entre as descrições das *Memórias Paroquiais* e de Frei Manuel do Cenáculo levantaram-nos algumas dúvidas, porque não coincidiam em vários campos: na data da morte de Taumasto [no primeiro caso, observa-se *XVIII Martias de 600 (?)* e, no segundo, *XVII K(a)L(endas) IANNVARIAS da Era de 560* (erroneamente aceite por outros autores, devido a má leitura de Hübner, seguido, ainda que com algumas dúvidas, por Vives, que datou a inscrição do ano 622]; na decoração; no nome do defunto; na organização da inscrição (número de linhas em que se desenvolve o texto, por exemplo).

Muito recentemente, António João Feio Valério e Manuel Maria Feio Barroso deram-nos a conhecer a fotografia e a fotocópia de um desenho do *Livro de Tombos* da Câmara Municipal de Alvito, datado de 1810. O desenho, por si só, já permitia alterar todo o conhecimento que tínhamos sobre esta inscrição, mas tornava-se muito importante consultar o documento original, para perceber o contexto em que o monumento se encontrava na altura e se os tombadores o registaram e se o registo feito pelos assinantes do Tombo fora executado de forma correcta.

O documento em causa é o *Auto de Tombamento do Arco de S. Roque*, datado de 22 de Outubro de 1810, executado pelo Doutor João Lopes Carneira Lobo Mendes, Juiz de Fora; João

1758", *O Archeólogo Português*, II, 1896, p. 190.

⁵ OLIVEIRA (Miguel de), *Epigrafia Cristã em Portugal*, Lisboa, 1941, p. 40-41, número 36.

⁶ VIVES (José), *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona, 1969, inscrição nº 77.

⁷ ESPANCA (Túlio), *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja (Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira)*, vols. I e II, Lisboa, 1992.

⁸ BARROCA (Mário Jorge), *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. III, Lisboa, 2000, p. 29, nº 62.

⁹ DIAS (Maria Manuela Alves) e GASPARGAR (Catarina Isabel Sousa), *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, 2006, inscrição nº 2.

Carvalho, medidor; José Gil Carneira, informador da Câmara Municipal, e por José Ripado, procurador. Nele se registam a arquitectura do arco, as suas dimensões, a sua localização exacta e, ainda que indirectamente, uma cronologia *post quem*, para a sua edificação. Trata-se, portanto, de um documento relevante para a compreensão da história do urbanismo de Alvito. Contudo, também nos informa que o arco é encimado pelas armas dos barões de Alvito, ali colocadas por Dom Diogo Lobo, 2º Barão, em finais do século XV, ou inícios do século XVI, devidamente acompanhadas por uma lápide tumular paleocristã e o fragmento de uma inscrição romana¹⁰.

607-1

INSCRIÇÃO PALEOCRISTÃ

Escreveram os tombadores que o arco «tem uma campa de pedra mármore com um letreiro ou inscrição gótica e denota ter sido túmulo ou reservatório dos ossos de algum herói...». Anotaram, ainda, que «esta inscrição vai copiada ao diante com os mesmos caracteres que se achão no original», apresentando dois desenhos iguais, um integrado no livro do tombo e outro em folha solta, ambos acompanhados por textos iguais com a transcrição proposta, a indicação das medidas do monumento e a leitura proposta¹¹.

¹⁰ Cf. Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Alvito, *Auto do Tombo do Arco de São Roque*, 1810. Agradecemos à Sra. Salomé Coelho, técnica responsável pela gestão do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Alvito, toda a disponibilidade que colocou no apoio a este trabalho.

¹¹ Não sabemos se houve algum problema com a inserção dos desenhos no Livro de Tombos ou se algum dos exemplares estaria destinado a ser entregue a Frei Manuel do Cenáculo, que faleceu em 1814. Não deixa de ser pouco normal que o prelado tenha registado o texto e não a decoração, pelo que seria perfeitamente normal que o município de Alvito tivesse preparado uma possível oferta que nunca chegou a concretizar-se.

TEXTO

(columba crux columba)

TAVMAST
VS FAMVLV(s) DEI
V(i)X(i)T ANN(os) LIII MEN(ses) V
REQVIEVIT IN PAC
CE [*sic*] SVB DIE
XVII (*ante*) KAL(*endas*) IANVARIAS
ERA DLXV

Medidas do monumento:

Comprimento: cinco palmos (aproximadamente 1,10 m)

Largura: mais de 2 palmos (mais de 0,45 m)

Espessura: meio palmo (cerca de 0,115 m)

Leitura proposta pelos tombadores: *Taumasto, servo de Deus, viveu 53 anos, 5 meses e 5 dias. Descansou na paz de Jesus Cristo Deus em 16 de Dezembro, era de 565 anos (ano de 527).*

Leitura proposta: (pomba, cruz, pomba) *Taumasto, servo de Deus, viveu 53 anos e 5 meses. Descansou em paz no 17º dia das calendas de Janeiro da era de 565 (16 de Dezembro de 527).*

COMENTÁRIO

A inscrição distribui-se por sete linhas, apresentando-se centrada, com excepção da última linha, que se encontra encostada à esquerda.

Na representação gráfica do Tombo da Câmara Municipal de Alvito, de 1810, é nítida a tentativa de reprodução fidedigna das letras, o que permite retirar algumas conclusões sobre a paleografia, permitindo um estudo um pouco mais aprofundado.

Pelo que podemos observar, os AA apresentam-se ainda na sua forma clássica, com barra horizontal. O B tem uma decomposição do semicírculo inferior, observando-se uma base recta, algo apreciada nas inscrições mais antigas de Mértola. O C parte da sua base clássica, com uma pequena transformação na base que, tal como acontece na letra B é recta, com paralelos em

inscrições de Mértola datadas de 507 e 526. Os DD apresentam-se de duas formas distintas: nas palavras *Dei* e *Die* encontram-se traçados a três tempos, com base plana, quase parecendo um delta, enquanto no numeral foi traçado de forma uncial. Também os EE foram representados de duas formas distintas: o mais comum segue o E clássico, mas de traço curto, enquanto o E da palavra *Era* apresenta dois semicírculos em vez de um traço vertical, como pode observar-se no epitáfio de *Petrus* da Herdade da Palhinha, Fronteira. A letra F obteve-se com a representação de quatro traços, quase parecendo um E, como que procedendo da escrita cursiva romana. Em Mértola, documenta-se em 507, perdurando ao longo de toda a Antiguidade Tardia, enquanto em Mérida a encontramos até 588. Os II foram representados na sua forma clássica, com uma única possível exceção: no antropónimo. A impossibilidade de podermos ter contacto físico com a inscrição, por se encontrar desaparecida, impede-nos de confirmar se, no nome do defunto, temos a representação do Y com valor fonético de I, tal como acontece em inscrições de Mértola datadas de 537 e 566¹². Assim se justificaria a leitura apresentada por Frei Ambrósio do Brochado nas *Memórias Paroquiais*, diferente das restantes. Penso que o desenhador da inscrição poderá ter confundido a letra K com um E na palavra *calendas* e que tal pode dever-se ao facto de esta letra deter já algum desgaste. Os LL foram representados de três formas distintas: o L de forma clássica; o L com tendência cursiva, em que o traço da base se apresenta na diagonal e o L com o traço vertical curvo, com paralelos em Mértola, de evidente influência cursiva, apenas utilizado no numeral da data, sucedendo, no caso mirtilense, apenas em duas ocasiões, datadas de 510 e 571 [SANTIAGO FERNÁNDEZ, 2005: 196, 207 (lâmina I), 200 (fig. 6, I), 210 (lâmina IV) e 215 (lâmina IX)]. Este tipo de L pode observar-se também no epitáfio de *Sabinus*, na necrópole da Silveirona, datada de 517 [CUNHA, 2008: 186 (nº 168) e 225, (fig. 177)] Os MM foram representados de forma clássica, tal como os NN. No entanto, na representação gráfica de 1808, estes últimos foram grafados de forma retrógrada, algo fora do normal, enquanto no documento de Frei Manuel do Cenáculo o traço central dos

¹² Cf. SANTIAGO FERNÁNDEZ, Javier de, «La escritura de las inscripciones cristianas de Mértola», *Documenta & Instrumenta*, 3 (2005), p. 196.

NN não une as extremidades dos traços laterais, ficando-se pela zona central do terceiro, à semelhança do que acontece em Mértola entre 512 e 566 [Idem, *ibidem*: 197, 207 (lâmina I), 208 (lâmina II), 209 (lâmina III) e 210 (lâmina IV)]. O Q apresenta uma forma arredondada, saindo o traço inferior na diagonal, a partir da face direita da letra. Os RR e os SS apresentam-se nas suas versões clássicas, enquanto a letra T possui duas variantes: a clássica e uma outra em que o traço horizontal corta sensivelmente a meio o vertical. As letras V e X foram representadas dentro das normas clássicas.

A inscrição apresenta um formulário comum na sua consagração. De facto, a fórmula mais comum registada no *conventus Pacensis* é *famulus Dei... requievit in pace*, com outras 14 ocorrências registadas entre 482 e 566. Seguem-se as fórmulas *famulus(a) Dei... requievit in pace Domini*, com seis ocorrências entre 518 e 571, exclusivamente em Mértola; *requievit in pace Domini*, sem acompanhamento de *famulus Domini* ou de *famulus Christi* com quatro ocorrências que podemos dividir entre dois períodos, o mais antigo situado entre 512 e 546, todas em Mértola, e o mais recente, datado de 665, identificado em Beja; e, por fim, a fórmula *famulus Christi... requievit in pace Domini*, com três ocorrências entre 544 e 587 (duas em Mértola e uma em Beja)¹³. A fórmula *Requiescit in pace* passará a substituir *Requievit in pace* a partir de meados do século VI.

A DECORAÇÃO

Na reprodução gráfica do Tombo da Câmara Municipal de Alvito estão representadas duas pombas afrontadas em torno de uma cruz latina de braços rectilíneos e extremidades curvas. As pombas encontram-se sobrepostas a quadrifólios com outros quadrifólios no seu interior. Toda a decoração se encontra inserida num campo fechado, rectilíneo no topo e nas laterais e semicircular na base, sobrepondo-se esta ao campo epigráfico, quase parecendo uma transposição da decoração musiva, que se observa nas igrejas norte-africanas para a placa funerária em mármore. Nada

¹³ Todos os dados estatísticos resultam do estudo que fizemos a partir dos dados publicados por DIAS e GASPAR, 2006.

impede que o alfa e o ómega tivessem também sido gravados e que ainda fossem visíveis em 1758, entendendo-se que a sua não representação em 1808, cinquenta anos depois, possa dever-se a um possível acentuado desgaste da peça. Ao longo da inscrição poderiam existir folhas de *hederae*, passíveis de provocar alguma confusão a quem tentou representar o campo epigráfico. Podemos suspeitar da sua existência na terceira linha entre MEN(*ses*) e V (*quinque*); no final da quinta linha; na sexta linha, entre K(*alen*)D(*as*) e IANVARIAS, e no final da última linha, a seguir ao numeral da data.

A presença de duas pombas em torno da cruz poderá ter um duplo significado. Por um lado, simboliza a presença da alma do defunto perante o Espírito Santo, marcando a ressurreição em Cristo, personificada pela cruz (BISCONTI, 2000: 109 a 111). Por outro, pode também significar a Igreja Triunfante em Cristo (BAUDRY, 2009: 111 a 113). A pomba simboliza a doçura, a inocência, e a simplicidade. Foi a ave enviada por Noé, que voltou com um ramo de oliveira, anunciando a existência de terra. Representa o Espírito Santo para os Cristãos (idem: 111).

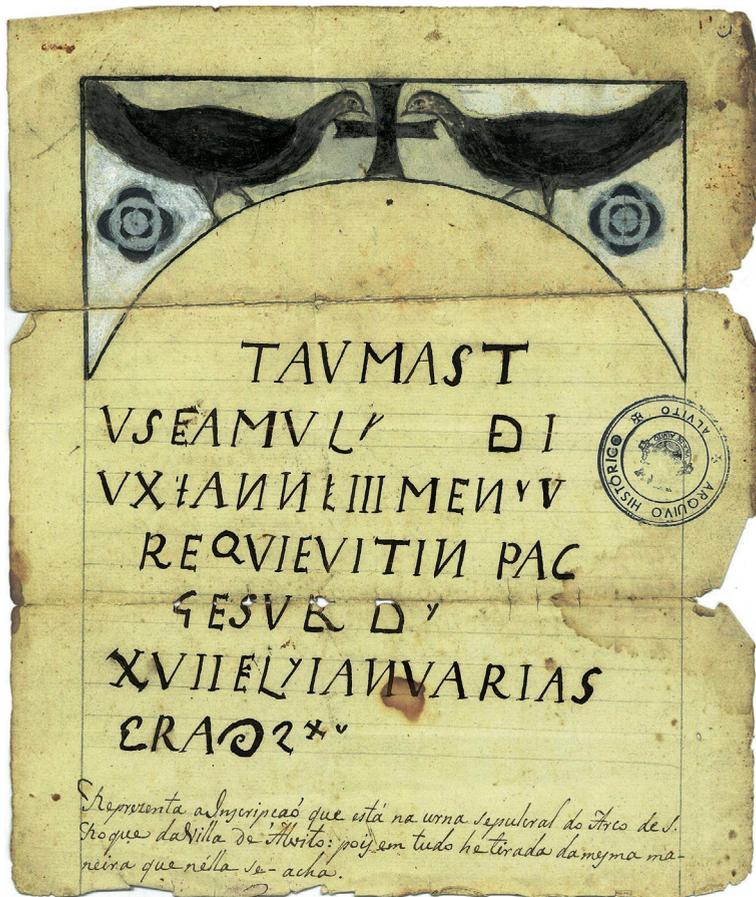
Na sua concepção, esta decoração encontra paralelo em duas lápides tumulares de Mértola: a de *Aianes*, de 524, e a de *Leopardus*, de 528. Para além da posição das pombas e do tipo de cruz utilizado, à semelhança da lápide de *Aianes*, observa-se a representação das penas das aves.

ACERCA DE TAUMASIVS/TAUMASTVS

O epitáfio era dedicado a *Taumastus* ou *Taumasius*, único registo epigráfico de qualquer um destes antropónimos em toda a Península Ibérica. Numa primeira análise, torna-se difícil perceber, sem acesso físico ao monumento, se temos *Taumasius*, tendo o Y, grafado de forma idêntica a um T, como acontece em Mértola, valor fonético de I; ou se, porventura, tendo em consideração a fiabilidade com que foram representados os restantes caracteres, se trata realmente de *Taumastus*. Para adensar ainda mais as nossas dúvidas, existem exemplos para os dois casos em pleno século V.

Taumasius era o nome de um santo mártir de Alexandria. Na realidade, o santo chamava-se Amónio e foi um monge condenado à pena capital naquela cidade depois de ter atacado o cônsul Orestes. Pouco depois de ter sido torturado em público até

à morte, São Cirilo elevou-o à categoria de Santo Mártir da Igreja, atribuindo ao monge o nome *Thaumasius*, que significa, traduzindo do grego clássico, «maravilhoso» ou «admirável». Existia também a variante Taumasto, ou Thaumasto, nome, por exemplo, de um tio de Sidónio Apolinário. Repetindo a consideração que temos pela fiabilidade patenteada nos dois registos gráficos do *Tombo do Arco de S. Roque*, em Alvito, inclinamo-nos mais para Taumasto.



607-1

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO ROMANA

Os responsáveis pelo tombo descrevem ainda a «Inscrição do Padrão que está sobre o Arco de S. Roque de Alvito a par da pedra sepulcral». Referem os mesmos que «a inscrição nesta lápide ácha-se incompleta e mutilada no seu princípio; por faltar hoje aquela parte da mesma lápide, onde se principiava a sobredita inscrição». Não apresentam as medidas, mas sim o texto e a sua proposta de transcrição.

TEXTO

IEE
HSESI (*sic*) TL

Leitura proposta pelos tombadores: *Aqui está colocado, que a terra lhe seja leve.*

Leitura proposta: I (?) E (?) E (?). *Aqui jaz, que a terra te seja leve.*

COMENTÁRIO

A partir da observação dos dois desenhos, percebe-se a organização do texto «em caixa», encontrando-se o monumento, muito provavelmente, fragmentado, o que não permitiu a sua leitura. Não havendo qualquer outra informação, não sabemos de que tipo de monumento se trata (ara? placa? cupa?).

As letras, considerando a fiabilidade representativa observada em todo o documento, enquadram-se no tipo monumental quadrado, em que se realça a simetria de todas, notando-se apenas uma ligeira inclinação dos SS para a direita. Cremos que o T de *tibi* deveria estar bastante desgastado, à semelhança de grande parte dos caracteres da penúltima linha, razão pela qual não foi representada a haste horizontal.

Proposta de cronologia: Século II?

CONCLUSÃO

A identificação e análise do Tombo do Arco de São Roque no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Alvito permitiu-nos responder à maior parte das questões que se colocavam relativamente à inscrição paleocristã de Alvito, dando-nos ainda a conhecer o fragmento de uma inscrição romana, que, até ao momento, nunca havia sido documentado. É também demonstrativo do muito que ainda há para fazer no âmbito do estudo da vasta documentação municipal onde podemos vir a ter a fortuna de descortinar informações sobre sítios ou monumentos arqueológicos, hoje desaparecidos e que são totalmente desconhecidos da comunidade arqueológica.¹⁴

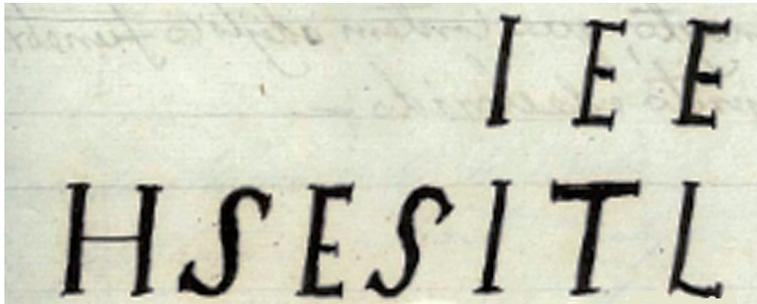
JORGE FEIO

OUTRA BIBLIOGRAFIA CITADA

BAUDRY Gérard-Henry, *Les Symboles du Christianisme Ancien, I^{er}-VII^e Siècle*, 2009.

BISCINTI, Fabrizio (coord.), *Temî di Iconografia Paleocristiana*, Città del Vaticano, 2000.

CUNHA, Mélanie, *As Necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia*, O Arqueólogo Português, suplemento nº 4, Lisboa, 2008.



607-2

¹⁴ Excepcionalmente, uma vez que eram tantas as diferenças desta versão em relação às anteriores, não hesitei em incluir este estudo no *Ficheiro Epigráfico*, apesar de não se tratar de uma epígrafe inédita. O facto de, no mesmo manuscrito, se aludir – aí, sim – a um texto inédito reforçou a razoabilidade da decisão.

ALTAR DEDICADO A JÚPITER EN SANTO ANDRÉ DE
FIGUEIRIDO
(*Conventus Lucensis, Hispania Citerior*)

Hacia 1986/1987, cerca del castro de Coto Loureiro (latitud 42^a, 22^o, 37^{''} N, longitud 8^o, 37['], 08^{''} W), en la parroquia de Santo André de Figueirido (concello de Vilaboa, Pontevedra)¹, se descubrió un altar de granito que, por diversas circunstancias, desapareció antes de que pudiera ser trasladado a un museo y que hoy continúa desaparecido. De él sólo tenemos las noticias proporcionadas por Antón Costa, que lo pudo ver antes de su extravío, y la fotografía que él mismo tomó y que ilustra estas líneas. La noticia del hallazgo ha sido dada a conocer recientemente en prensa local de Pontevedra², por lo que parece oportuno ocuparse del altar con más detenimiento en un ámbito profesional.

Se trata de un altar de granito con fuste y coronamiento prominentes al menos en tres de sus caras, sin que podamos saber si esta circunstancia se repetía en la posterior. En su cabecera presenta dos pulvinos pero carece de *focus*, cuyo lugar está ocupado por un resalte globular. A juzgar por la imagen, sus dimensiones eran de *circa* 70 x 35 x ? cm, con un fuste de *circa* 26 x 30 cm. La altura de las letras parece oscilar entre 5 y 6 cm y las interpunciones son circulares.

La lectura del texto no está exenta de problemas, pese a que antes de su extravío se resaltaron en blanco las letras visibles. El nombre del

¹ Este trabajo se ha realizado en el marco del proyecto de investigación HAR2015-65168-P (MINECO/FEDER) de la Secretaría de Estado de Investigación, Desarrollo e Innovación del Gobierno de España.

² HÉITOR PICALLO – ANTÓN COSTA, Na procura dunha ara de Xúpiter, *Diario de Caldas*, suplemento semanal de *Diario de Pontevedra*, 19 de abril de 2017, p. 3.

dedicante, que aparece entre las líneas segunda y tercera, podría estar expresado con *praenomen* y *nomen*, por ejemplo *P(ublius) Fuscinius*, y no *Fulcinius*, con un nexo *NI* en el tercer renglón; el *nomen gentile Fuscinius*³ no está documentado hasta el momento en Hispania. Pero también podríamos entender la *P* como abreviatura del popular *nomen gentile P(ompeius)*, en cuyo caso iría seguido por el no menos habitual *cognomen Fuscinus*, con más de veinte testimonios hasta la fecha en Hispania⁴, que se reconocería sin dificultad en la fotografía y no obligaría a considerar la presencia de un nexo. Una u otra solución son viables, aunque esta última es la más sencilla y más probable. Por otra parte, la mención del dedicante con *praenomen* y *nomen*, sin *cognomen*, no sería fácil de explicar en el contexto regional del hallazgo para los primeros siglos del Principado. En la última línea no parece haber dificultad para resolver las abreviaturas si recurrimos a los formularios regionales, como luego veremos.

Pese a las dificultades que impone el disponer sólo de la fotografía de un monumento perdido, el texto parece decir:

*Iovi • O(ptimo)
M(arcus) • P(ompeius) • Fu-
scinus
p(ro) • s(alute) • s(ua)*

La expresión *p(ro) s(alute) s(ua)*, abreviada de esta manera, ya era conocida en diversas inscripciones de diferentes provincias romanas⁵. Sólo disponemos de un ejemplo en Hispania, también en un altar dedicado a Júpiter, y procedente precisamente de un lugar desconocido en la provincia de A Coruña⁶, es decir, dentro del ámbito

³ W. SCHULZE, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen. Mit einer Berichtigungsliste zur Neuauflage von O. Salomies*, Zürich – Hildesheim 1991, p. 58; H. Solin – O. Salomies, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim – Zürich – New York 1988, p. 84.

⁴ J. M. ABASCAL, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia 1994, 375.

⁵ *CIL* III 986 y 1614 (*Dacia*), *AE* 1998, 1134 (*Moesia inferior*), *CIL* III 10981 (*Pannonia superior*), VI 2851 (Roma) y VII 295 (*Britannia*).

⁶ F. BOUZA BREY – A. D'Ors, *Inscripciones romanas de Galicia I. Santiago de Compostela*, Santiago de Compostela 1949, n.º 3 (*HAE* 1688); G. PEREIRA, *Corpus de inscripcions romanas de Galicia I. Provincia de A Coruña*, Santiago 1991, p. 211 n.º

regional de este nuevo descubrimiento.

No hay que olvidar que la misma fórmula *pro salute*, aunque escrita *in extenso*, se reconoce en algunos altares descubiertos en el Monte do Facho (Donón, Cangas de Morrazo)⁷. En uno de ellos se lee *ara(m) l(ibens) posui pro salute*⁸ y ese texto se repite en otro cuyo coronamiento está fracturado⁹ y en un extraordinario monumento hoy partido y coronado por un frontón triangular¹⁰. Hay que recordar que el Monte do Facho se encuentra en el extremo suroccidental

84, con el resto de la bibliografía. La inscripción debe conservarse en el almacén del Museo de la catedral de Santiago, pero no hemos conseguido localizarla allí. Agradecemos a D. Ramón Izquierdo, Director de este centro, la autorización y su ayuda personal para realizar la revisión y las fotografías de las inscripciones conservadas en ese fondo, trabajo que llevó a cabo J. M. Abascal en sendas visitas del año 2015.

⁷ F. FARIÑA BUSTO – J. SUÁREZ OTERO, El santuario galaico-romano de O Facho (O Hío, Pontevedra), *Boletín Auriense* 32, 2002, p. 32. Muchos más detalles en M. Koch, El santuario dedicado a Berobreo en el Monte do Facho (Cangas, Galicia), en: *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas (Palaeohispanica 5, 2005)*, Zaragoza 2005, p. 826 y p. 834 fig. 2. El monumento aparece reproducido también en Th. Schattner – G.-Suárez Otero – M. Koch, *Weihaltäre im Heiligtum des deus lar Berobreus auf dem Monte do Facho (O Hío, Galicien)*, en: A. W. Busch – A. Schäfer (ed.), *Römische Weihaltäre im Kontext. Internationale Tagung in Köln vom 3. bis zum 5. Dezember 2009 'Weihaltäre in Tempeln und Heiligtümern'*, Friedberg 2014, pp. 255, 256, 259 y 260 Abb. 12. Una foto sin más comentarios se encuentra en J. Suárez Otero, Aras del santuario galaicorromano de O Facho (Donón, Cangas de Morrazo, Pontevedra), en F. Singul – J. Suárez Otero (ed.), *Hasta el confín del mundo: diálogos entre Santiago y el mar*, Vigo, 2004, p. 66, donde se alude a la frecuencia en el lugar de la fórmula *aram... pro salute*.

⁸ C. BÚA, Hidronimia y teonimia, en D. Kremer (ed.), *Onomástica galega II. Onimia e onomástica prerromana e a situación lingüística do noroeste peninsular (Actas do segundo Coloquio, Leipzig, 17 e 18 de outubro de 2008)*, (*Verba: Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 64*), Santiago de Compostela 2009, 105 nota 24b (*HEp* 18, 2009, 273).

⁹ TH. SCHATNER – G.-SUÁREZ OTERO – M. KOCH, WEIHALTÄRE... *op. cit.*, pp. 260 Abb. 12, sin transcripción. La foto del fragmento superior del monumento, hoy partido en dos piezas, ya había aparecido en Th. Schattner – G.-Suárez Otero – M. Koch, Monte do Facho, Donón (O Hío / Prov. de Pontevedra) 2004. Informe sobre las excavaciones en el santuario de Berobreo, *AEspA* 77 n.º 189-190, 2004, p. 47 lám. 9.

¹⁰ TH. SCHATNER – G.-SUÁREZ OTERO – M. KOCH, Monte do Facho (O Hío / Prov. de Pontevedra) 2004. Bericht über die Ausgrabungen im Heiligtum des Berobreus, *MDAI(M)* 47, 2006, 186 y Taf. 19a.

de la península do Morrazo, cuyo primer concello, lindante con el de Pontevedra es, precisamente, Vilaboa. Es decir, los ejemplos proceden de un mismo ámbito territorial.

El culto de Júpiter en el ámbito regional ya era conocido por el altar de Pontecesures que se conserva en el Museo de Pontevedra¹¹. De esta parroquia de Figueirido proceden también los tres miliarios recogidos en el siglo XVIII por el arzobispo Sebastián Malvar Pinto y que hoy están también en el Museo de Pontevedra¹².

No disponemos de criterios para fechar con exactitud el altar, que debió colocarse entre los siglos I y II de la era.

J. M. ABASCAL
HEITOR PICALLO
ANTÓN COSTA



608

¹¹ G. BAÑOS, *Corpus de inscripciones romanas de Galicia II. Provincia de Pontevedra*, Santiago de Compostela 1994, p. 237 n.º 100.

¹² J. FILGUEIRA VALVERDE – A. D’ORS, *Inscripciones romanas de Galicia III. Museo de Pontevedra*, Santiago 1955, p. 27 n.º 9 (*HAE* 1733), p. 28 n.º 10 (*HAE* 1734) y p. 30 n.º 12 (*HAE* 1736). Cf. A. Rodríguez Colmenero – S. Ferrer Siera – R. R. Álvarez Asorey, *Callaeciae et Asturiae itinera romana. Miliarios e outras inscricións viarias romanas do noroeste hispánico*, Santiago de Compostela 2004, pp. 322-324, n.º 196, 197 y 198 respectivamente.